

Stadium

N.º 344

29 de Junho de 1940

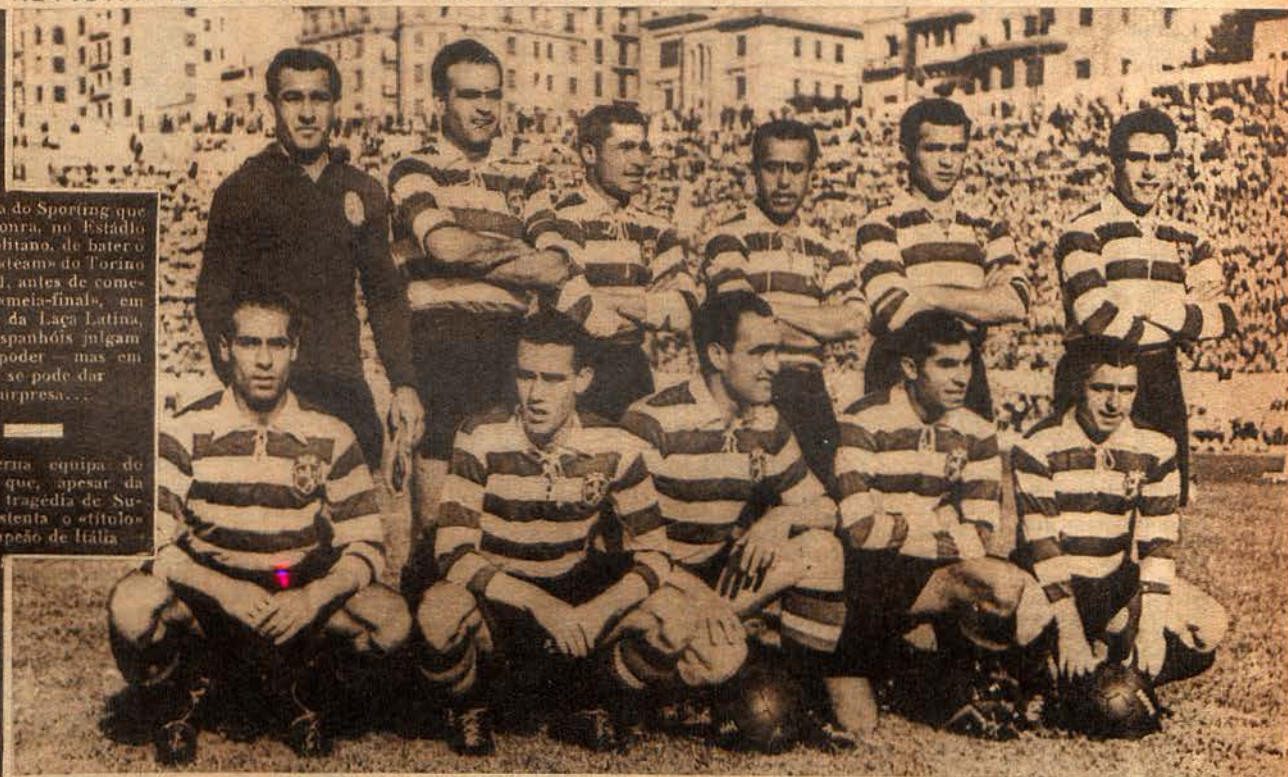
Preço: 2\$50



A REVISTA GRAFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

A equipa do Sporting que teve a honra, no Estádio Metropolitano, de bater o fumoso «team» do Torino por 3 a 1, antes de começar a «meia-final», em Madrid, da Liga Latina, que os espanhóis julgam em seu poder — mas em que se pode dar a surpresa...

A modesta equipa do Torino que, apesar da dolorosa tragédia de Su-perga, ostenta o «título» de campeão de Itália.



Os jogadores estrangeiros que esta época nas suas exibições em Portugal, melhor impressionaram

DOS guarda-redes das nove equipas estrangeiras que esta época nos visitaram, foram o espanhol Bifion (Real Madrid) e o sueco Johansson (Norrköping) os que, porventura, menos impressionaram, Bifion tom, porventura, uma noção exacerbada da independência do lugar, que resalta, flagrantemente, dos muitos lances em que repelindo a bola com os punhos, em vez de procurar cantá-la, não contribuiu para a clarificação do jogo... O sueco pareceu-nos, apesar de tudo, mais esclarecido acerca de tão importante pormenor.

O belga Meert (Anderlecht) foi, sem dúvida, o melhor dos nove. De cérebro e olhos sereníssimos, que lhe permitem dominar a jogada e bola com absoluta segurança, dir-se-á um defensor a quem, por ser tão notável, é concedido a facilidade de jogar com as mãos...

O desditoso Bacigalupo, admiravelmente integrado no pormenor que tanto realce ganhou no Torino, — o subitido e vertiginoso arranque para a bola —, não terá revelado, todavia, o mesmo domínio de lances de Meert. O guarda-redes italiano foi batido por dois golos fáceis (o de Melão, que o encontrou mal colocado, e o de Arsenio, só possível por Bacigalupo não haver saído a cortar o passe de Corona, dado de cima da linha de cabeceira, aliás brando e denunciado).

Eglemayer, do First, é de uma sobriedade ideal. Acutivo (Desportivo da Corunha) possui, talvez, a mais do que Bifion, a serenidade, que lhe facultam uma mais pronta reinteração no jogo.

Jacquin (Saint Etienne) mostrou-se excelente nas intercepções por alto, de elevação fácil e verdadeiras mãos de ferro.

Alander (A. L. K.), de uma vivacidade e de uma atenção que o seu compatriota Johansson não pareceu ter ou não terá podido evidenciar...

Finalmente, Mayer, pouco nos disse, por o termos visto num jogo fácil contra uma incarácterística selecção.

O italiano Ballarin collocou-se no primeiro plano dos defensas direitos, — ao lado de um Scott (Arsenal) ou de um Augusto (Vasco da Gama).

Depois dele, ficaram os austríacos Stois e Ribicki. O sueco K. Nordhal teve contra o Sporting um começo extraordinariamente promissor e um final quase decepcionante...

Varrummen (Anderlecht) e o veterano Barinaga (Real Madrid) surgem entre os defensas esquerdos de maior notabilidade. É curioso notar que neste posto nem o próprio Martelli (Torino) logrou alcançar grande altura... Mesmo nos grupos austríacos a diferença de valores entre os defensas de um e outro lado foi sensível. Para estes há, talvez, uma explicação, em virtude de um grau mais elevado de requisitos que esse futebol exige aos defensas direitos, impondo-lhes a missão de marcar o avançado-centro, quando

os lances começam a desenhar-se em frente da sua baliza.

Outro belga aparece no primeiro posto — relativamente aos médios-centros e é, com certeza, esta classificação a que suscitará maior número de discordâncias.

Trata-se de Dewaghem, o homem do Anderlecht que mais resistiu ao calor na escaldante tarde em que os campeões da Bélgica defrontaram os elzebos. O lugar foi nos jogos seguintes ocupado por Valet, que havia sido nesse desafio um discreto defensor direito, e dizem-nos que este superou Dewaghem.

Temos sobre a maneira de jogar do médio-centro do W M uma opinião que não fez ainda curso geral, mas não deixa, por isso, de fazer progressos, como os próprios espanhóis o demonstram, ao chamar para substituto de Aparicio, um homem que no Sevilha atua à imagem e semelhança dos médios-centros ingleses.

Esse homem é Antunez, de quem Ramon Melcon disse para «El Pueblo Gallego», na crónica enviada de Paris acerca do recente França-Espanha, haver sido o mais sereno e tranquilo dos jogadores da equipa representativa do país vizinho, às vezes quase excessivamente sereno e tranquilo, como se a serenidade ou a tranquilidade pudessem ser alguma vez inquietas ou tranquilas...

Rigamonti surgiu com frequência integrado na toada eficazmente destrutiva e demolidora, mas inconsequente, dos terceiros defensas.

O labor dos médios-centros suecos não teve também projecção.

No entanto, o problema mais complicado quanto à escolha dos melhores, reside na dos médios de ataque.

Nenhuma das equipas que este ano vieram a Portugal trouxeram médios volantes da categoria de um Patterson (Raff) ou de um Danilo (Vasco da Gama).

Se soubéssemos que os austríacos Sabeditch (First) e Bohem (Viena) eram tão susceptíveis de dar à defesa alguma coisa da sua primorosa contribuição ao ataque, não hesitaríamos um instante em considerá-los os primeiros entre os melhores estrangeiros de tal sector que se exibiram nos nossos campos na brilhante temporada que agora terminou. Martin (Corunha), actuou com muita descreção...

Disse extremos-direitos deixaram recordação, um deles recordação que perdurará indefinidamente: Mentil (Torino). O outro foi o jovem Machan (First).

Mentil era o tipo perfeito e acabado do extremo do W M, sem os fulgores individuais de Mettews, mas de uma incisão que o genial inglês não possui.

Machan é um prodígio do francês Alpterg (Saint Tienne), um jogador de classe. Tivemos pena de não ver Riegler (Viena).

O Torino e o A. L. K. trouxeram nos dois interiores de um

O procedimento não constituiu novidade. Já em anos anteriores, após as grandes competições internacionais de hóquei patinado, o dirigente federalivo chefiante da equipa fizera declarações que, pela sua fantasia — para não lhe chamar outra coisa — haviam provocado protestos oficiais.

Pelo visto, o critério não se modificou com a lição dos factos e este ano, de regresso do campeonato mundial em Lisboa, o chefe da equipa espanhola concedeu em Marca uma entrevista claramente demonstrativa de quanto é difícil saber perder com o aprumo de verdadeiro desportivismo.

A nós, portugueses, que presenciámos o Torneo e aplaudimos com a justiça merecida a valorosa e correctíssima representação iriã, as declarações do sr. Mingo, fazem-nos sorrir com má-gua.

O referido dirigente tem a coragem de afirmar, com ar desgostoso, que em Lisboa e no decurso do campeonato se passaram coisas desagradáveis... Elogia a organi-

valor a que somente o b'itânico Meillon chegou: Mazzola e Carlsson. Carlsson terá causado mais sensação. Mazzola, porém, impressionou mais profundamente. No jogo do italiano existia toda a potencialidade do futebol. Seria injustiça esquecer o austríaco Decker...

Ossini (Torino), pela sua penetração, o belga Serron, pela vivacidade, Sobotta (Viena), pela rapidez, e Arauaga (Real Madrid), pelo seu jogo elegante e fácil, formaram o quarteto dos melhores extremos-esquerdos.

Relativamente aos avançados-centro, o belga Merrens cotou-se acima dos restantes, pelo seu sentido engenhoso, de uma subtilza que só têm os avançados-centro cerebrais, transparecendo desde a concepção do lance ao trabalho com a bola.

Shilank (Viena) é de uma actividade infatigável, um tanto como os avançados-centro ingleses que não atingem a categoria de um Dawson, mas não querem deixar de ser úteis...

Nordhal (Norrköping) limitou-se a deixar-nos uma jogada — para que por ela nós pudéssemos calcular do seu valor. Foi a jogada de que nasceu o único golo dos suecos.

Pahño (Real Madrid) começa a convencer-nos de que não é, realmente, um avançado-centro. Falta-lhe seja o que for e que a sua espantosa rapidez não consegue dissimular. Talvez seja mais um extremo, como parece ter provado no encontro de há pouco entre as selecções de Madrid e Paris.

O argentino Rafael Franco, de quem na Corunha nos tinham dito maravilhas como interior, foi em Lisboa um avançado-centro apenas teimoso — no driblé...

De resto, não se afigura natural que um homem com o seu peso ou mesmo a sua obesidade possa ser presentemente um interior.

Adriano Petró

MAU PERDER

zação, «pero, en cambio», acrescenta que o público, sendo sem dúvida nos espanhóis um formidável adversário, não se portou para com eles à altura que lhe correspondia!

«Via-se, diz modestamente, que não podia demorar seus nervos ante a marcha triunfal do nosso grupo e todo se dava a clamores de incitamento aos nossos adversários, na esperança de que assim conseguissem ganhar-nos.»

Ora o cómico desta vaidosa afirmação é saber-se que Portugal derrotou a Espanha apenas por 6-2, no segundo dia do campeonato, ficando pois a questão de competência com esta equipa arrumada desde logo para o público.

Mais adiante, referindo-se ao jogo entre os dois países e sr. Mingo declara: «Ganharam merecidamente, porque nos foram superiores. Tudo lhes correu de bem, tiveram a sorte por eles. Portugal teme muito aos espanhóis. Sabe que somos a única equipa que o pode derrotar e saem sempre a jogar nervosos. Se desde o princípio as coisas lhes não correm de feição, impacientam-se e colocam-se à beira do desastre, que foi o sucedido em Madrid quando lhes ganhámos por 5-0. Em contrário, quando o jogo lhes corre favorável e animados pelo seu público, são impositivos de deter.»

Engraçadas, muito engraçadas as desculpas de mau perdedor do sr. Mingo, a quem gostaríamos de perguntar se em Montreux, quando as contas se liquidaram apenas por 10-1 a nosso favor, também tínhamos e nosso público a empurrar-nos para a vitória.

E' provável que, na sua terra, o Mingo fale a gente acredite; em Portugal, porém, não haverá quem não sorria das explicações e o não desculpe, porque dele deve ser o Reino dos Ceus.

Ano VII — II Série — N.º 343
Lisboa, 29 de Junho de 1949

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1

Telefone 3118 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

IMPR. EM HELIOGRAVURA
STUDIOS SERRA RIBEIRO

Visto pela Comissão de Censura

O BENFICA em VIGO



O grupo do Benfica que se apresentou em Vigo

UMA OBRA!

O Ateneu Comercial

e o seu 69.º aniversário

COLECTIVIDADE de características especialíssimas — vamos a dizer única — no panorama desportivo português, o venerando Ateneu Comercial está em festa pela passagem de mais um aniversário: o sexagésimo nono.

Através de perto de sete décadas, a obra levada a cabo pela prestigiosa agremiação da rua Eugénio dos Santos impõe-se ao espírito de todos, de forma indiscutível, constituindo sem sombra de dúvida um historial a todos os títulos glorioso, gama riquíssima de permenores valiosos, enquadrados numa obra de conjunto que há muitos anos se encontra oficialmente reconhecida.

Reparte o Ateneu Comercial de Lisboa a sua actividade por dois campos distintos, mas íntima e profundamente ligados, que amplamente se completam: o cultural e o desportivo. No primeiro destes aspectos, ou seja, no campo pedagógico, a obra do Ateneu Comercial assume feições absolutamente únicas no nosso meio, nunca sendo demais pôr no devido relevo o largo alcance dessa primordial faceta da acção do Ateneu, faceta a que tem dedicado o melhor do seu esforço e onde tem colhido, também, alguns dos seus mais belos louros.

No campo desportivo, o Ateneu é aquilo a que se pode chamar, com inteira propriedade, um instituto de educação física, onde existe verdadeiro culto pela prática da ginástica, ombreado, assim, com o Ginásio Clube Português e o Lisboa Ginásio Clube. Mas, não só no campo da ginástica propriamente dita o Ateneu tem desenvolvido acção digna dos melhores exemplos. Muito lhe devem os desportos, também. O basquetebol — que tem no Ateneu Comercial um dos seus melhores

valadinos — deve-lhe, sem dúvida, inestimáveis serviços. A patinagem, a esgrima, a luta greco-romana, o voleibol — eis modalidades desportivas a que o Ateneu tem dado, em anos sucessivos, belo e valioso contributo.

A hora que passa é, como acima dizíamos, de festa e de justificado júbilo para o prestante Ateneu. De festa e de júbilo por dois motivos: primeiro, porque o Ateneu pode, realmente, olhar o passado — a sua longa caminhada de sessenta e nove anos — com justificado orgulho; depois, porque encara o futuro com franco optimismo, podendo considerar-se em vésperas de ver realizados os seus melhores anseios.

De facto, o Ateneu Comercial de Lisboa vive, presentemente, uma fase de intensa actividade principalmente no sentido de remodelar as suas instalações e de edificar outras. Na pretérita semana, procedeu-se à inauguração da sala de bilhar — que surgiu extraordinariamente beneficiada. E já se encontram expostos ao público os ante-projectos da piscina, do cinema, do teatro, do recinto de patinagem e da carreira de tiro — soberbo conjunto de instalações que a actual direcção do Ateneu conta iniciar dentro de breve lapso de tempo, dando assim realiação prática a um velho sonho da massa associativa, e dotando a cidade de um altíssimo benefício que pode ter profunda repercussão no desenvolvimento de algumas modalidades desportivas.

Saudamos o Ateneu — na pessoa do seu presidente, o nosso prezado camarada na imprensa, Avelar Machado — e sinceramente lhe desejamos que a dobrar dos seus setenta anos, o Ateneu já tenha concretizado alguns dos seus projectos.

O Benfica deslocou-se a Vigo a disputar um trofeu valioso e monumental. O seu adversário reforçou as fileiras. O popular team lisboeta fez uma exibição à altura do seu nome, perdendo apenas pela mínima diferença, o que, em terra estrangeira, é honríssimo. Publicamos algumas imagens desse importante desafio.



O team do Celta de Vigo que, reforçado, bateu o Benfica pela mínima diferença



Os capitães do Benfica e do Celta de Vigo trocam galhardetes

De nada valeu o esforço de toda a defesa do Benfica. A bola era imparável!



As vitórias da Espanha na "Taça de Ouro" e "Taça das Nações"

O tenente Farrusco ganhou o «Grande Prémio»

SEMPRE com relativo entusiasmo, proseguiram durante a semana finda, e acabaram no domingo, as provas do 38.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa.

Nas jornadas finais reapareceram os cavalos da equipa nacional, o que deu à competição um interesse muito maior. Privados de entrar nas provas de domingo e de terça-feira, medida que facilitou, de certo modo, as vitórias espanholas registadas nesses dois dias — a de «Bohémius» na «Turf-Clube» e a de «Quorum» na «Federação Equestre Portuguesa» — o que é uma verdade é que, a partir de quinta-feira, a luta assumiu novos aspectos e deu ocasião a que se alimentassem esperanças, até essa altura infundadas.

Não se encontravam, de facto, nos programas, cavalos portugueses capazes de, normalmente, bater o extraordinário «Quorum», nem mesmo alguns outros das equipas estrangeiras como por exemplo «Foragidos», «Marquis» e «Bohémius».

Confrangia ver a ânsia dos nossos cavaleiros para derrubar as bandeiras espanholas ou francesas, do mastro de honras mas, o que é verdade, é que ao entusiasmo do homem não correspondia o valor da montada.

Por isso muito se apreciou a vitória do tenente Farrusco Júnior, no «Abandonado», que conseguiu aproveitar toda a boa disposição do cavalo para bater o bom percurso do Comandante Orđová, na «Caça».

Outro tanto se não deu na prova «Federação Equestre Portuguesa», disputada numa «barrage» onde apenas ganharam lugar três cavalos, e todos estrangeiros... «Quorum» venceu fazendo alarde das suas extraordinárias possibilidades. Antes, o capitão José Carvalhosa no «Estemido» triunfara na «Nacional», uma prova que de ano para ano perde interesse, dada a ausência de bons cavalos.

Na quinta-feira o Concurso entrou na sua fase principal com a disputa da «Taça de Ouro». Houve este ano maior dificuldade na escolha da nossa equipa, visto que o tenente-coronel Ivens Ferraz, impossibilitado de ver até então na festa os nossos melhores cavalos, se viu na necessidade de escolher a equipa à base dos resultados alcançados em Madrid. Assim se nomearam «Raso», «Mondina», «Congo» e «Favorito», respectivamente montados pelos capitães Barrento, Guedes de Campos, Reimão Nogueira e Henrique Calado, para defrontarem «Quorum» «Foragido», «Frisar» e «Bohémius».

A nossa equipa foi batida, mas soube lutar e perder com mérito. «Quorum» com o tenente-coronel Navarro e «Foragido», conduzido pelo comandante Gavillan, foram os grandes oobreiros da vitória espanhola, bem acompanhados por «Frisar» que o comandante Nogueira montou.

Na prova de «Regularidade» tivemos em primeiro lugar «sex-aequo» dois franceses — «Sagitta» com o alferes Du Breuil e «Marquis» com Jonquieres d'Orliola — mas o mau hábito dos grandes intervalos e de se acabarem as provas à noite, defeito que não nos parece haver vontade de remediar, tornou impossível a «barrage» necessária para desfazer o empate. De novo nos classificamos em 4.º lugar, uma vez que o Comandante Nogueira meteu o «Bizarro» no 3.º posto.

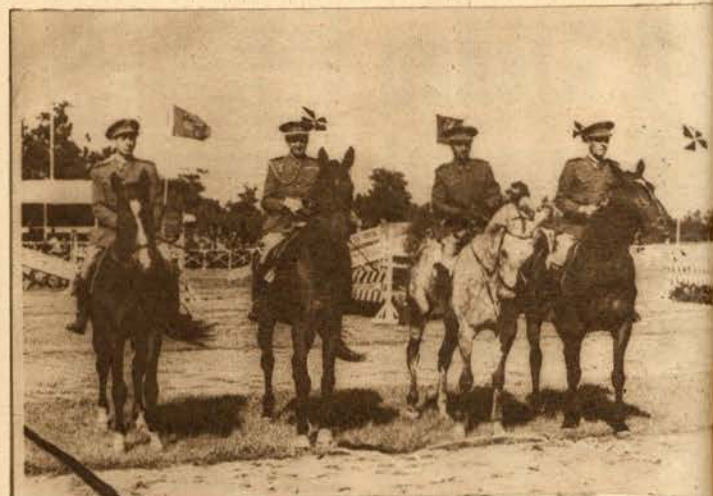
Uma referência para Abel Macedo Basto que, na «Psyché», triunfou nesse dia na prova de «Discipulos», revelando o seu desembarço e a sua habilidade.

No sábado, dia do «Grande Prémio», o hipódromo registou uma enchente. Todos queriam assistir à reabilitação dos nossos «ases»; todos esqueceram a superioridade do extraordinário «Quorum». Notou-se na assistência o «frisson» dos grandes acontecimentos e a prova foi seguida com particular interesse.

Segunda vitória portuguesa, numa prova bastante difícil, onde o primeiro estrangeiro nos surgiu no 6.º lugar da classificação e onde «Quorum», por imprudente e exagerado receio do comandante Navarro, foi parar ao 11.º posto.



A equipa portuguesa que depois de sete vitórias consecutivas perdeu este ano a «Taça de Ouro»



A forte equipa espanhola que triunfou na «Taça de Ouro» da Península e na «Taça das Nações»

O tenente Farrusco Júnior, no «Abandonado» — o conjunto português número um deste Concurso — arrancou brilhantíssima vitória, convencendo a assistência de que o seu triunfo na «Caça» não tivera sido obra de acaso.

A forma cuidada e correcta como conduziu o cavalo levou-o a conseguir o único percurso sem faltas, ganhando assim com inteiro merecimento o «Grande Prémio de Lisboa». O público aplaudiu com delírio o jovem cavaleiro que, com o seu esforço e boa vontade, reabilita o hipismo nacional.

Muito boas foram ainda as provas de «Mondina», «Estemido», «Raso» e «Flana» que, com um derrube apenas, alcançaram os postos imediatos.

Antes da prova máxima, tivera lugar a «Diana» que deu origem a uma justíssima vitória de D. Maria Cruz Azevedo, na «Faneça», com um percurso que entusiasinou a assistência pela rapidez da égua e pela correcção da amazona.

E seguiram-se, no domingo, as duas derradeiras provas — «Taça das Nações» e «Salto em Altura», qualquer delas de inteiro agrado do público.

Na primeira assistiu-se a novo triunfo espanhol, alcançado pela mesma equipa que já ganhara a «Taça de Ouro».

Portugal, também representado pelos mesmos elementos que haviam actuado naquela prova, ocupou o 2.º lugar apenas separado por 4 pontos, cabendo à França o 3.º posto da classificação.

No «Salto em Altura» assistiu-se à boa vitória de «Mongua» com a qual Fernando Cavaleiro transpôs 1,290 à primeira tentativa e no decorrer da 6.ª barrage.

Os outros dois primeiros foram conquistados por Guedes de Campos, no «Vouga» e pelo espanhol Gavillan no «Aerbuch».

Assim terminou o 38.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa, no qual a equipa espanhola teve actuação de muito mérito, provando-nos a sua inegável categoria.

D. Maria Cruz Azevedo foi a vencedora da prova «Diana», montando «Faneça»



GINÁSIO DE ALCOBAÇA, 1-CELTA DE VIGO, 1



A equipa do Ginásio de Alcobaca que fez excelente empate com a Celta de Vigo

Os senhores de Vigo que em Alcobaca não conseguiram vencer o Ginásio da histórica vila...



Uma fase de ataque, impetuoso, da linha dianteira do grupo da Galiza



Aspecto da luta travada entre os jogadores dos dois grupos reconhecendo-se no lance o português Baptista



O «Grande Prémio» foi ganho pelo tenente Farrusco Junior no «Abandonados» que, com inegável brilhantismo, já havia vencido o percurso de caça



O capitão Antonio Crespo entregando a Taça «Juventude» ao pequeno caroleiro Abel Macedo Basto



Os srs. Governador Civil de Leiria e Presidente da Câmara Municipal de Alcobaca assistindo ao desafio Ginásio-Celta



Três nomes, três atletas ligados ao Benfica e a Guimarães — A. Valadas, actual treinador do Vitória; Joaquim Ferreira, ex-atleta do Benfica e actual componente da primeira equipa do mesmo Vitória, e Francisco Ferreira (o Xico), natural de Guimarães

(Continuação)

Que o experiente e sabedor atleta não se havia enganado nesta profecia, demonstraram-no cedo os factos, e o Xico, com a sua vontade inabalável.

Depois de meses de luta de pela primeira vez atinar ao Sport Lisboa e Benfica, o Xico Ferreira — com 29 anos de idade — fazia a sua estreia como internacional, atuando em Paris contra a França.

Não precipite nos, porém, os acontecimentos, e sigamos ainda o curso da narrativa. No seu primeiro ano ao Benfica, não conseguiu Francisco Ferreira aureolar-se com um título. Mas este vem por um triz a conseguir-lo.

Foi quando a sua equipa se apurou para jogar a «Taça de Portugal», sendo derrotado nas Sétimas de Eliminação da Coimbra. Conto a esta a honra de vencer o Benfica, por 4-3, e de conquistar a primeira «Taça» que a Federação pôs em disputa.

Entretanto, o Xico guardará na sua bagagem de recordações das lembranças do seu primeiro ano ao Benfica. E ambas, por ironia do Destino, contra o F. C. Porto, o grupo onde começou.

A mais dolorosa dessas lembranças é referente ao jogo que o Benfica disputou na Constituição, em 23 de Abril de 1939, e que ao Benfica custou o Campeonato Nacional. Nessa tarde o Porto, que era o «líder» da classificação, jogava uma cartada decisiva, e se por lesão fizesse ao Benfica, perderia o Campeonato.

E no derradeiro minuto da partida, Rogério do Sousa obteve um gol de último, um gol que desfazia o empate de 3-3 e tirava o título ao F. C. Porto, para o dar ao Benfica.

O árbitro, porém — era Henrique Rosa, de Setúbal — não quis que o clube do Xico Ferreira ganhasse, e sem que um único jogador houvesse protestado a legitimidade do tanto, ele anulou-se sem razão para isso.

O caso deu trado, e o Xico recorda-lo ainda com dolorosa tristeza — mais tristeza ainda do que a que lhe causou vêr-se vítima das agressões dos seus antigos companheiros de equipa, nesse jogo.

A outra lembrança, preado-se com a partida da primeira «volta» desse mesmo campeonato, nas Amoreiras, contra o Porto. O Benfica ganhou por 4-1. Mas não foi o acto de ganhar que alegrou o nosso Xico. Foi a magnífica tarde que teve, como pôde apreciar-se deste recorte da crítica que eis aqui se avista avolta, com tanta acidez e ironia quanto é certo que a subscritor Ricardo Ornelas: «Francisco Ferreira foi o melhor do mais igual (dos três médios), o mais constante, cooperando a mais na parte do primeiro ao último minuto. A cruzar jogo, a criar perigo para a rede contrária, a interceptar com os pés ou com a cabeça, Ferreira teve uma exibição primorosa. O seu pé esquerdo foi maravilhoso nos cruzamentos. Em lançamentos da linha lateral deu sempre uma oportunidade de ataque a um parceiro, atirando a bola longe para o melhor aliado».

Foram exibições como esta, em muitos dos 29 jogos que ele realizou pelo Benfica — sempre na categoria de líder — na sua primeira época no popular clube, que o levaram no conceito geral, e lhe deram a possibilidade de chamar sobre si as atenções dos responsáveis do futebol português.

E tanto assim é, que antes de terminada a época de 1938/39 já o Xico era seleccionado para se deslocar a Sevilha, e converter a camisola da Associação de Futebol de Lisboa, na tarde de 7 de Maio, quando perlemos por 1-5.

Além disso, então, ao lado de Gaspar Pinto e Francisco Albino, formando a linha média do seu clube, «trocando-os» dois meses depois, a 2 de Junho, por Amaro e Valente Marques, quando a Selecção Lisboa venceu a sevilhana por 9-2, então em Lisboa.

Foi mais feliz para o Xico a época de 1939/40, a segunda que fez no Benfica. Assim, não só viu a sua equipa sair vencedora do «Torneio Triangular» (Benfica-Sporting-Belenenses) com que abriu a época, como ganhou o Campeonato de Lisboa, venceu o Belenenses por 3-1 na final da «Taça de Portugal».

E foi essa a época da sua chamada a equipa representativa de Portugal. E foi a que emocionou o Xico o recorda.

Já dissemos que foi contra a França, em Paris, o «baptismo» «internacional» do Xico Ferreira.

Restam-nos acrescentar que a partida se disputou a 28 de Janeiro de 1940, e que, além dele, estavam presentes também: Alberto Gomes (hoje Jr.) e Arnaldo Ferreira.

Do Benfica, foram também seleccionados Gaspar Pinto, Albino e Espírito Santofectivos, além de Martins, como suplente de Azeval.

Paris viveu nesse dia um horrível dia de Inverno, e à hora do jogo principiar, rectângulo oferecia um curiosíssimo aspecto, totalmente coberto de neve. A agressividade do clima fez sentir os seus efeitos, como não podia deixar de ser, aos nossos jogadores, habituados à amenidade de uma temperatura suave e branda, e a equipa logo morreu do que aquilo que o seleccionador nacional, que era então Cândido de Oliveira, poderia desejar. Albino e Espírito Santo, porventura menos preparados para suportar a mudança brusca do clima, caíram de cama, e não puderam lutar, e o nosso Xico fez uma partida de inferior quasi lido, abaixo do seu maior.

Ele o confessou leal e francamente, com o seu espírito desmpeitoado de homem que não sabe viver apenas para ser lousado.

Benfiquista como os que o são

Entretanto, à medida que o tempo decorria, Xico Ferreira ia conquistando no Benfica um lugar de proeminência — como atleta dedicado e generoso — graçando, cada vez mais, a admiração sincera do seus companheiros e a estima de quantos com ele viviam. Era a firmeza do seu carácter de desportista e de homem que o impunha ocasionalmente.

AS MEMÓRIAS DE XICO FERREIRA

Recordadas e contadas a ROSA de MATOS



Nunca a boa disposição abandona os rapazes do Benfica, os «soldados» do «capitão» Xico. Eis-os em Madrid, quando a caminho de Barcelona, no ano de 1940. O sorriso de Xico, como sempre, revela optimismo e confiança

Para ilustrar, esta afirmação, nada mais nos é necessário do que arrancar do album de recordações de Xico Ferreira algo do que sobre ele tanto se escreveu. Isto, por exemplo, em Fevereiro de 1942, no jornal «Sport Lisboa e Benfica»;

A população do Benfica, reconhecida como nenhuma outra, nos atletas que representam o clube, tem feito em todas as épocas e em todos os desportos, os seus ídolos. Recordem-se os nomes de Amaro Gaspar e de Francisco Lázaro e sucessivamente, até chegar à actualidade, os de José Bastos, José Pimenta, António Adão, Francisco Vieira, Alfredo Piedade, Alberto Augusto, Leonel Costa, Nicolau, Vítor Silos, Martins Vieira, Espírito Santo, Francisco Albino, Matos Fernandes, Pires de Almeida, Francisco Ferreira...

Nenhuma outra população clubista, como a do Benfica, para elevar um atleta à celebridade, para o impôr, para o colocar num pedestal de idolatria. E se o atleta corresponde, se o atleta sente a camisola que defende, se ele se entrega todo à defesa dos seus caminhos — a colectividade, se ele é um representante perfeito da tradicionalíssima calma do Benfica, aquela população rende-lhe a mais sincera homenagem.

Francisco Ferreira, médo saquedo da nossa primeira categoria de futebol, sobre constatar não só a popularidade mas a idolatria. Dir-se-ia que ele foi um jogador lido para o Benfica — porque tem todas as qualidades, todos os predicados que são necessários e recomendam um atleta que sabe vestir uma camisola encarnada; energia que não cede, vontade que não quebra, dedicação que não causa, generosidade que não hesita. Francisco Ferreira é o tipo verdadeiro do atleta do Benfica. Luta enquanto dura a competição. Não sente o esforço, nem recua diante das dificuldades. Fica os dentes — e marcha em frente.

(Continua no próximo número)



Quando em Maio de 1939 a Selecção Lisboa foi a Sevilha perder por 1-5, os jogadores deslocaram-se em autocarro. Eis-os aqui, em Casilhas, na hora da ablução. Xico Ferreira, que era seleccionado pela primeira vez, também faz parte do grupo, com o seu eterno sorriso irreverente e galato

A ausência de Amaro criou um problema na equipa de Belem. Não é impunemente que um conde de futebol perde uma das suas figuras basilares. Mariano Amaro, conceituado capitão de eteam e estratega de maior vulto, não será facilmente esquecido no Belenenses.

A esta falta deve juntar-se ainda uma outra: Artur Quaresma!

Quase de um momento para o outro, o Belenenses viu-se privado de dois elementos que melhor futebol produziam. Para contra-balançar o desequilíbrio que fatalmente deveria sentir-se, ingressaram nas fileiras azuis alguns jogadores, dentre os quais figuravam dois de «nomes» já feitos: o avançado-centro Sidónio e o médio Rebelo.

As consequências foram inevitáveis. A equipa perdeu muito da sua urdideza de jogo habitual. Ganhou, na linha da frente, um estilo diferente. Mais esgodo pela baliza — inafiança de Sidónio e Vicente — mas uma falta de concepção de jogo — a falta de Quaresma e de Amaro!...

A equipa

Como não bastasse a falta de Amaro e Quaresma, registou-se também certa baixa de forma das «Torres de Belem» — a muralha defensiva do Belenenses e da Seleção Nacional!

Feliciano — defesa central famoso em todos os países onde já actuou — foi talvez o que mais decalou. Alguns filhos a apontar-lhe mais de ordem tática do que preparação física... Serafim é ainda o melhor defesa esquerdo português, mas já actuou em melhor forma na época lida. Vasco conservou, mais ou menos, a bitola de jogo que lhe é peculiar. Possui um espírito demasiado ofensivo para um defensor...

Nas redes, José Sábio sensivelmente o mesmo. Se hoje há indubitavelmente melhor que ele — é porque foram os outros que progrediram... Deixou, desta vez, que não fosse o Belenenses a equipa que menos golos sofreu no Campeonato. Mas não por culpa própria.

Na linha média, Rebelo e Figueiredo equivaleram-se. Maior mérito para o primeiro, por ser um estreante na equipa. Bom sentido posicional — até mesmo quando Vasco passava à área da sua jurisdição, forçando-o a recuar para logo cobrir a falta da qual camarada...

Se Figueiredo possuisse a velocidade da defesa direito, seria um mérito excelente, tão apurado é o seu sentido de interceptação. Assim... Tentemos a pensar no que sucederia se se invertessem as posições!

No sector atacante, a metamorfose deve-se a Sidónio. Há muito que o Belenenses não possuía um avançado centro tão combativo, e se entregasse à luta e ao choque com tanta devoção!

Durante largo período, jogaram ao seu lado Vicente e Pinto de Almeida — dois estilos completamente diferentes. O primeiro, mais avançado centro que interior, nunca chegou a integrar-se bem na equipa. Mas o seu poder de remate e pontaria em alvejar a baliza tinham um mérito apreciável, fazendo dele um dos melhores marcadores do Campeonato e o primeiro dentre os interiores direitos. Pinto de Almeida é um jovem habilidoso, mas demasiado impressionável. Os rapazes que não têm o estímulo do público a acariinhá-los, têm um segundo adversário a derrotar... Vimo-lo a jogar péssimamente durante uma hora — e tornar-se de



Partida da equipa do Belenenses para a Madeira e Açores — O «steam» do Belenenses seguiu na passada quinta-feira para a Madeira e Açores, a bordo do «Carvalho Araújo», para disputar naquelas belíssimas paragens vários encontros de futebol. Eis um aspecto da partida

A época de 1948-49 (3)

CLUBE DE FUTEBOL "OS BELENENSES"

semente o melhor jogador em campo só porque um gol foi obra exclusiva sua e o público da bancada coberto o vitorioso longamente...

Duarte — a revelação da época passada — regressou tarde ao «steam» de honra e em má condição física. Em boa forma — é um elemento de valor, capaz de figurar entre os melhores interiores nacionais.

A ponta direita, vimos evoluir dois jogadores do mesmo tamanho, características idênticas, valia equiparável: Nunes e Matos. Supremacia, no entanto, do primeiro.

A ponta esquerda, também entrou dois jogadores: Narelso e Alcino. Diferentes. Alcino, que jogava indiferentemente a extremo e interior no Vitória de Guimarães (onde veio para o Belenenses, por permuta com Teixeira da Silva), é um futebolista mais perfeito, hábil, mas menos rematador que Narelso.

Números e curiosidades

O Belenenses obteve idêntica classificação à do ano passado — o 3.º lugar, atrás do Sporting e Benfica. Mas conquistou desta vez mais dois pontos, embora o número de vitórias abditas fosse o mesmo: 16. Marcou também menos 8 golos e sofreu mais 6, em relação ao Campeonato transacto.

Eis alguns números colhidos das várias tabelas do Campeonato Nacional de 1949:

Vitórias, 16. Empates, 3. Derrotas, 7. Golos: 68-35. Nas Salvas: 11 vitórias e 2 derrotas. 46-14 em bolas. Sô o Sporting e o F.C. Porto conseguiram oferecer espectáculo melhor aos seus adeptos... O Vitória de Guimarães também só sofreu uma derrota no seu tempo, mas cedeu dois empates.

Os golos do Belenenses foram marcados por Sidónio, 17 (no ano passado 11, aliado então pelo Sporting); por colateralmente, Teixeira da Silva obteve o mesmo número de tentos nesse trajecto); Vicente, 14; Nunes, 11; Pinto de Almeida, 6; Narelso, 5; Feliciano, 4; Duarte, Matos, Fidalgo e Frade, 2; Alcino, Figueiredo e Rebelo, um cada.

LONGE da pátria, em ambiente estranho a meia tripulação de cada barco, José Rosa-Bernardino de Almeida e António Vilardebó-António Alexiades, iniciam hoje a série de provas que antecederá a «Connaught Cup» em Inglaterra. Estarão com eles, competindo a seu lado velejadores experimentados de categoria internacional. As provas realizam-se em Chichester Harbour, organizadas pelo Hayling Island Sailing Club, disputando-se de hoje até sábado a «Spring-Race» e no sábado ou domingo o «Connaught Trophy».

Todos os concorrentes se hospedaram nas instalações do clube organizador, junto ao local das provas. Os portugueses encontram-se ali desde sábado, reservando os primeiros dias a treinos e à necessária adaptação ao local e ambiente desconhecidos de José Rosa e António Vilardebó. O Bernardino de Almeida e o António Alexiades já ali estiveram nos anos anteriores. Entre os outros concorrentes, alguns já estiveram em Portugal nas regatas da Semana da Vela. Isso e o amável tratamento dos britânicos aos visitantes, proporcionou agradável começo de estadia dos portugueses, longe dos seus, mas entre amigos de verdade.

Hoje que a competição começa a sério, não se spagará o espírito de camaradagem que a todos acompanha.

Cada qual procurará lealmente, mais e melhor. O vencedor de cada regata será cumprimentado pelos vencidos. Enfim, o desporto em Inglaterra é sempre assim!

O trofeu «Salazar», instituído em 1913 pelo comando da «Brigada Naval» em homenagem ao sr. Presidente do Conselho, começa a ser disputado no sábado pela sétima vez. Ao contrário dos anos anteriores a largada será feita de manhã para que a ronda



VELA

Começam hoje as regatas de Inglaterra

gem das ilhas das Berlengas se efectua de madrugada. O percurso será o habitual: partida de Belém, rondagem às Berlengas e chegada a Cascais. Conta-se com a presença do «Sunday», do dr. José Gonçalves; «Ribamar», de Moreira de Sá; «La Surveillante», de Maxime Vaultier; «Jolie Brise», do eng. Vaz Pinto; «Vendaval», dos irmãos Schedel e «Marilyne», do Clube Náutico de Portugal.

Os vencedores das regatas anteriores: «Tupy» em 1913; «Ribamar» em 1944, 1945 e 1948; e «Sunday» em 1946. Nenhum concorrente completou a prova de 1947 nem tão pouco conseguiu rondar as ilhas.

É a segunda regata oceânica da temporada e terá o mesmo organizador da primeira: Associação Naval de Lisboa.

Henrique Parreira



João Azevedo e Carapellese, na presença do árbitro francês Sdez, e de seus auxiliares, cumprimentam-se e trocam lembranças



Albano foi carregado com violência, e tal facto permitiu que o guarda-redes mergulhasse aos seus pés, captando a bola. A atitude de Albano é de verdadeiro sofrimento!



O ponto de honra do Torino — O jovem Marchello, que está a ser abraçado pelos seus companheiros, acaba de conquistar um golo individual, em remate rasteiro e depois de deixar no seu rasto vários jogadores leoninos. Azevedo parece dizer: — Mae como foi isto possível?



Sporting na «final» da Taça Latina

Magnífica lição do futebol português no Estádio Metropolitano

Os «leões» suportaram o calor do campo, o ambiente, o público e os novos valores torino

[De Madrid — Crónica TAVARES DA SILVA]



Dr. Tavares da Silva, nosso companheiro de trabalho, que raramente falta aos grandes acontecimentos, transmite directamente, pelo telefone ligado à Redacção, as suas impressões da partida do Metropolitano para o «Diário de Lisboa»

graciosa com a bola nos pés, driblings estatúarios, e marcar o chamado ponto de honra.

Mas na defesa, especialmente neste association que se pratica a individualidade só serve ligeiramente no plano geral do jogo, ninguém podendo fazer vida própria e exclusiva. Lá chegará, no entanto, o tempo — que não vem longe! — em que o novo Torino se apresente completamente reconstruído, em termos de se poder afirmar haver nascido uma bela equipa, digna em tudo e por tudo de classe de aqueles que sucumbiram trágicamente em Superga.

Já demos a entender que o encontro não teve sempre a mesma fisionomia. Quer dizer, embora melhor grupo, de mais fundo e de melhor estrutura, o Sporting, exceptuando o curto espaço dos cinco minutos do começo, dominou em toda a primeira parte, desdobrando sem atrições o fio do jogo da defesa para o ataque, especialmente, mas também desta para trás, quando necessário. Depois, na segunda parte, já com o triunfo assegurado, os leões descaíram um pouco — se não desinteressaram, ao menos o bem estar de uma posição confortável! — consentindo na invasão do seu território por parte dos Torinos. De quando em vez — estes eram expulsos. Porém, honras lhes seja, voltavam à carga cada vez com mais ímpeto, embora se sentissem perdidos...

Dirigi a partida o árbitro francês Sdez, e alguma vez nos havíamos de dar bem com uma arbitragem gaulesa. Na altura em que o público quis intervir na direcção da partida, Sdez não contemporizou nem se deixou influenciar. Foi ele que dirigi o encontro, e mais ninguém.

Torino: Gandolfi; Bercia e Cuscela; Macchi, Nay e Gremese; Frizzi, Picchi, Marcheto, Giammarinaro e Carapellese.

Destaquemos três dos novos elementos, Picchi, Marcheto e Macchi. Só uma vez conseguiu o fenómeno Carapellese dar um ar da sua classe, numa finta a primor e corrida vertiginosa.

Sporting: Azevedo; Barrosa e Juvenal; Canário, Manuel Marques e Veríssimo; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travaços (depois Albano, Albano (depois Martins).

Todos jogaram em plano de primeiras figuras. Vasques foi um portento. Peyroteo, excelente rematador. Canário, um construtor de jogo. E Barrosa conseguiu anular Carapellese. Mas cada um sacrificou-se a favor de todos, a base do triunfo. Face já voltada para o Barcelona, aguardamos confiadamente o jogo daqui a oito dias. Mesmo que se perca, e a vitória não deixa de estar no mundo das possibilidades, o Sporting colocou-se num plano de relevo. Na pior das hipóteses, deixa duas boas equipas por baixo dos seus pés.

«Stadium» fará uma reportagem, completa e exclusiva, da Volta a Portugal



1.º golo do Sporting — Vasques passou atrazado a Peyroteo, de nada valendo o esforço de Gandolfi, o guarda-redes italiano, saindo, em mergulho. A bola foi parar às redes, e o caminho da vitória portuguesa ficou aberto...



2.º golo do Sporting — Albano, deslocado para a aza direita, numa iniciativa ousada, chega ao limite do rectângulo, e atira a bola para trás, no caminho de Peyroteo, o qual executa o melhor golo da partida. O guarda-redes ainda toca na bola, mas esta queima, e entra triunfante na baliza



3.º golo do Sporting — Albano fez um passe magnífico, adiantado, a Peyroteo, e este aproveitou a oportunidade, excelentemente, para consolidar o triunfo



Azevedo desatambora-se com aguilarda e superioritismo de Carapellese, durante um período em que está atirado a centro-avancado, sem resultados práticos

Os festivais entre o Algés e o Sevilha

constituíram magnífico êxito

Foi melhorado o recorde dos 3×100 metros, estilos

(Comentários de ABREU TORRES)



Os nadadores do Algés e Dafundo que formaram a equipa que defronou o Clube Náutico de Sevilha

curiosa: 1 m. 06,5 s. Em segundo plano, o nadador espanhol António Murciano (1 m. 11 s.) e o representante do S. A. D., Eurico Mendonça Perdigão (1 m. 12,8 s.)

A classe de Francisco Blanco

Na prova classica de 200 metros-bruços, o dominio pertenceu aos nossos visitantes. Alada que sem se empregar a fundo, Francisco Blanco obteve vitória folgada. Mas impressionou, principalmente pela facilidade do seu estilo — o «smariposa» — que utiliza com excelente rendimento.

Creditando-se de 3 m. 00,8 s., Blanco ficou um tanto longe do seu melhor resultado — 2 m. 52,5 s., — mas isso em nada desmerece o brilho da sua vitória e o real valor da sua classe. E há, de facto, a ponderar que Blanco correria pouco depois a estafeta de 3×100 metros, três estilos.

José Sanchez Parodi (3 m. 15,4 s.) conseguiu o segundo posto, com merecimento.

Os nadadores lisboetas, ainda que não pudessem ter quaisquer pretensões, exibiram-se, no entanto, um pouco abaixo das suas verdadeiras possibilidades. Adriano Cabral Rodrigues (3 m. 17 s.), Luis Ricardo Sebastião (3 m. 17,1 s.), João Faria Bichinho (3 m. 21,2 s.) e Eduardo Candeias (3 m. 23,8 s.)

O novo recorde nacional 31×100, estilos

A estafeta de 3×100 metros, três estilos — sem dúvida a melhor e a mais emocionante de todas as provas do programa — foi no fundo um verdadeiro Portugal Espanhol, dado que a equipa do Sevilha é precisamente aquela que detem o recorde ibérico com a marca de 3 m. 34 s., e o conjunto do Algés e Dafundo reuna os melhores especialistas do momento presente em qualquer dos estilos.

No percurso de «costas» corre-

DEPOIS das visitas do Clube Natacion de Barcelona, em 15 de Agosto de 1931, do Canoe de Madrid, em 1 de Setembro de 1933, e mais recentemente em Junho de 1947, o Spart Algés e Dafundo acaba de trazer até nós mais um importante clube espanhol — o Clube Natacion Sevilha — valorizando assim extraordinariamente as festas comemorativas do seu 34.º aniversário e proporcionando aos adeptos da modalidade duas excelentes jornadas de natación internacional.

O encontro com o Sevilha rodeara-se de justificada expectativa. De facto, havia natural interesse em apreciar a classe de Francisco Blanco — sem dúvida, a mais representativa figura do elenco sevilhano — o homem que havia triunfado em 1948 nos 200 metros-bruços do encontro Portugal-Espanha com a marca de 2 m. 57,9 s. e que detem o respectivo recorde ibérico com o apreciável «tempo» de 2 m. 52,5 s. Havia igualmente o desejo absolutamente compreensível de ver em acção o excelente especialista de «crawls» de costas que é Vicente Abad, outro vencedor do último encontro peninsular.

Quanto aos nadadores do Algés e Dafundo — todos bem conhecidos do público lisboeta — sabia-se que tinham seguido preparação adequada com vista a este encontro, o mesmo sucedendo com os jogadores de «water-polo».

E de facto, diga-se desde já, a expectativa não foi iludida. Os festivais internacionais de terça e quarta-feira últimas constituíram mais um belo êxito a juntar a tantos outros do já largo historial do prestigioso Spart Algés e Dafundo.

O valioso núcleo de nadadores do S. A. D. apresentou-se em «forma» apurada. Souberam ganhar com brilhantismo e beleza. E souberam perder com brio e desportivismo. De todos os seus feitos, sobressai sem dúvida o belo recorde absoluto da estafeta de 3×100 metros, três estilos, agora melhorado de precisamente cinco segundos.

No que toca ao «water-polo» o progresso é evidente e consolador. Uma vitória e um empate. Constitue igualmente motivo de júbilo.

Apenas o público não correspondeu, não emoldurando o estádio náutico de Algés como seria lógico esperar-se, dada a categoria do espectáculo.

Patroni correu os 100 metros-livras em 1 minuto 02,6 segundos

A primeira prova internacional propiciou triunfo magnífico aos lisboetas. Guilherme Patroni, obtendo a segunda melhor marca da sua carreira (a primeira — 1 m. 02,2 s. — alcançou-a o ano passado em Palma de Maioret), fez com efeito uma prova magnífica, digna de um campeão, percorrendo o hectómetro com autoridade absoluta e impondo mais uma vez a sua incontestada classe.

Eduardo Murta Barbeiro (1 m. 04,6 s.), o mais completo nadador que jamais tivemos, aguentou muito bem o ataque do nadador sevilhano, não se deixando impressionar e alcançando um segundo lugar altamente honroso. Vicente Abael, apesar da sua boa categoria, não foi além de 1 m. 05 s. Fernando Esteves Medeira — que não é um especialista de velocidade pura — obteve marca



Abad e Vale lutaram arduosamente nos 100 metros-costas. Nesta prova o espanhol foi primeiro e Vale o segundo



A melhor prova deste encontro entre portugueses e sevilhanos, os 3×100 estilos. Uma apolose, merecida, premiou a grande vitória da equipa do S. A. D. (Vale, Barbeiro e Patroni)

Vale (1 m. 14 s.) e Abad (1 m. 13,7 s.) Vale partiu muito bem. Foi o primeiro a tocar aos 66 metros, mas a verdade é que a chegada tinha três décimos de vantagem. A corrida de «brucos» era, por assim dizer, decisiva. Conhecida a extraordinária classe de Blanco, tudo dependia de Murta Barbeiro conseguir o melhor strazo possível. E a verdade é que Eduardo Murta Barbeiro excedeu a mais ilongueira expectativa, cobrindo o hectómetro, em «mariposa» no excelente tempo de 1 m. 19,4 s. — marca que iguala o velho recorde de João da Silva Marques. Blanco, obteve no entanto, 1 m. 15,4 s. A desvantagem era grande, mas mesmo assim, ainda recuperável, graças a uma excelente prova de Guilherme Patroni cujos últimos 33 metros foram simplesmente impressionantes. Patroni, em luta com Galiano, proporcionou o mais arrebatador momento destes festivais luso-espanhóis.

Diogo Galiano creditou-se de 1 m. 07,1 s., contra 1 m. 04,7 s. do representante do S. A. D. Ao fim e ao cabo, a turma do Algés somando 3 m. 36 s. estabeleceu novo recorde português. O anterior estava em 3 m. 41 s., datava de 1941, e havia sido estabelecido por Mário Simas, Afonso Gonçalves e Vasco Carrelhas. A equipa recordeista da Península, com o tempo de 3 m. 34 s., creditou-se de 3 m. 36,2 s.

Fernando Madeira, brilhante vencedor dos 400 metros-livres

A prova de 400 metros-livres, proporcionou ao jovem «princípio» do Algés e Dafundo magnífica e nítida vitória.

Com efeito, Fernando Madeira, desiluzido admiravelmente, tomou deliberadamente o comando da prova e foi aumentando progressivamente o seu avanço até terminar com um excelente «printe». A sua marca de 5 m. 27,5 s. ganha especial relevo quando a compararmos com o respectivo recorde de «princípios» pertencente a Joaquim Baptista Pereira com o «tempo» de 5 m. 50,6 s. e aguarda apenas a devida oportunidade para poder ser oficialmente homologado.

Os «tempos» intermediários de Fernando Madeira, demonstram bem a regularidade da sua prova e são os seguintes: 100 metros, 1 m. 13,6 s.; 200 metros, 2 m. 40 s.; 300 metros, 4 m. 12 s.

Eurico Perdigão revelou-se bom especialista de 400 metros, surpreendendo até certo ponto, a sua boa actuação, pois bateu por margem folgada o sevilhano António Murciano. Especialmente nos últimos 100 metros, o esperançoso nadador do S. A. D., aplicou-se com enorme energia, creditando-se de marca valiosa — 6 m. 02,8 s. — que lhe pode abrir boas perspectivas.

O espanhol António Murciano exibiu-se abaixo das suas reais possibilidades, dado que se trata de um elemento creditado de 4 m. 40 s.

Alfredo Fernandes Rodrigues (6 m. 15,2 s.) e José Cabral Junior (6 m. 41 s.) completaram o conjunto dos concorrentes, chegando o primeiro a dar a impressão de poder oferecer luta a Murciano.

Abad e Vale em luta nos 100 metros-costas

Desde o último encontro Portugal-Espanha, disputado como se sabe, o ano passado em Palma de Maiorca, que havia um despique em aberto entre Vicente Abad — então vencedor com a marca de 1 m. 14,4 s. — e João Franco do Vale. Aguardava-se pois, com bastante interesse este novo encontro entre os dois campeões.

Franco do Vale, no seu estilo característico, começou muito bem. Partindo a tempo, foi o primeiro a «virar» aos 33 e aos 66 metros, ainda que nesta última «viragem» já com pequena vantagem. Vicente Abad, que aliás executou muito bem o retorno para o último percurso, arancou fortemente para a meta. Franco do Vale teve ainda a desvantagem de descair consideravelmente sobre o lado esquerdo da pista, pormenor que o deve ter prejudicado um tempo. E a vitória de Abad surgiu novamente, desta vez com o «tempo» de um 1 m. 13,4 s., contra 1 m. 14,1 s., do nosso compatriota. E agora, até ao próximo encontro, em Sevilha...

José Laícho Borja, em franco progresso, obteve o melhor resultado da sua carreira: 1 m. 18,6 s. Eurico Rocha Surgey (1 m. 21,8 s.) e Eduardo Cordeiro (1 m. 28 s.), completaram o grupo dos concorrentes.

De novo Blanco

Nos 100 metros-brucos, Francisco Blanco, recordeista ibérico com o «tempo» de 1 m. 15 s., voltou a impressionar vivamente com o seu «estilo» pleno de «ousadarias» e de eficiência. Venceu com inegável merecimento — e brilhantismo. E creditou-se de 1 m. 16,6 s. Eduardo Murta Barbeiro, também em «mariposa», esteve admirável nos dois primeiros percursos, descontrolando-se no entanto, na fase final da prova. O seu «tempo» de 1 m. 19,6 s. — apenas mais dois décimos de segundo que o recorde nacional — é sem dúvida excelente.

Murta Barbeiro, deve ter pois, à sua disposição o recorde de João da Silva Marques. Será apenas uma questão de boa disposição — e oportunidade.

Os restantes concorrentes completamente fora do alcance dos dois primeiros. Sanchez Parodi (1 m. 28,1 s.), em luta apertada com Ezequiel Gameiro das Neves (1 m. 28,2 s.); Adriano Cabral Rodrigues (1 m. 30,4 s.) e João Faria Bichinho (1 m. 35,6 s.)

As estafetas de velocidade pura

O Algés triunfou com facilidade na estafeta de 5x33 metros-livres. Madeira, Trovão, Vale, Barbeiro e Patroni gastaram 1 m. 30,5 s., contra 1 m. 32,4 s. da equipa do Sevilha, constituída por Soriano Amador, Murciano, Galiano e Abad.

E o mesmo teria sucedido na estafeta de 7x33 metros-livres, se a equipa do Algés não tivesse sido desclassificada em virtude da partida antecipada de um dos seus elementos. A vitória pertenceu assim à turma sevilhana — Galiano, Soriano, Muñoz, Parodi, Amador, Murciano e Abad — em



Os nadadores do Clube Náutico de Sevilha



A equipa de water-polo do Sport Algés e Dafundo que venceu o «team» de Sevilha no primeiro jogo e empatou no segundo encontro

2 m. 11,2 s. A equipa do Algés e Dafundo — Madeira, Trovão, Perdigão, Barbeiro, Borja, Vale e Patroni — obteve 2 m. 9 s.

Em «water-polo» — uma vitória e um empate

Há realmente que pôr em relevo a actuação da equipa de water-polo do Sport Algés e Dafundo pelo seu comportamento em face do «team» sevilhano. De facto, uma vitória e um empate atestam claramente a actual subida de «forma» do «sete» nacional.

No primeiro jogo o Algés venceu por 6-4, com 3-3 ao intervalo, depois de patentear a sua superioridade no segundo tempo,

O segundo encontro foi disputado com mais energia e espírito de luta e, sobretudo, com o vivo desejo de anular a derrota da véspera, por parte dos visitantes. Depois de atingirem o intervalo a vencer por 3-2, os espanhóis consentiram o empate no segundo tempo.

As equipas foram as seguintes: Algés — Rosa; Cabral e Besanço; Dino, Nabais, Correia e Rodrigues.

Sevilha — Aramburu; Piara e Galiano I; Muñoz, Galiano II, Gardi e Amador.

No segundo desafio, na equipa do S. A. D., Sacadura substituiu Nabais e na turma do Sevilha, Parodi ocupou o lugar de Amador.

Abreu Torres



A equipa de water-polo do Clube de Sevilha que apesar do resultado dos dois encontros, demonstrou conjunto apreciável

Stadium

na capital do Norte

O elogio do esforço colectivo

SE todas as ruas vão dar a Roma, também todos os bons e são processos podem contribuir para cimentar a ideia de construir no Porto o necessário e discutidíssimo Estádio. Inclinamo-nos sempre com a melhor simpatia para todas as soluções práticas e inteligentes, quando não apareçam ligadas a vaidades despropositadas ou inoportunas. Temos por certo que muito se tem feito no sentido de dar à cidade e ao seu primeiro clube o melhoramento número um, mas também nos parece que a divisão de esforços tem prejudicado muito a execução de vários planos projectados. Desde sempre.

Bem se sabe que cada cabeça, cada sentença, mas parece-nos que já vai sendo altura de montar a máquina de modo eficaz e sem ler opiniões a mais. Já em tempos se disse e até se escreveu que no Estádio do F. C. do Porto se preparavam lugares para Estátuas. Pois achamos bem. Mas que essas estátuas apareçam para glorificação da obra, do clube que se empenha e se bats pela regalia, e para que o desporto triunfe com segurança e definitivamente. Homens — não. Clubes — sim!

Todos os bons sportistas e portuenses desejam e sonham com um campo de jogos que os dignifique. Com toda a razão. Mas se os esforços de cada um aparecerem dominados por acções de carácter pessoal, individualista, não damos nada pelo êxito. Oxalá, porém, o crítico se engane. Este continuará a ser anónimo e persistente.

GAMPEONATOS REGIONAIS DE ATLETISMO



Os campeonatos regionais decorreram com interesse. Eis a chegada dos 100 metros em que António Almeida, do F. C. Porto foi o vencedor com 15,4 segundos



A equipa vencedora das 2 horas americana formada por Fernando Moreira e Moreira de Sá, à esquerda e a equipa segunda classificada formada por Waltefano e Lambertino do F. C. Porto



Ferrovários e Belenenses disputaram um jogo para o campeonato nacional de andebol. O nosso cliché foca um remate do Ferrovários que originou um dos golos

O F. C. PORTO em África

Segundo nos é transmitido por Gomes de Sousa, activo secretário geral do F. C. do Porto, os campeões nortenhos preparam já as suas malas para a visita a Angola e Moçambique, e possivelmente ao Transvaal. Esta visita, infelizmente, conhece já uma contrariedade: — a falta do guarda-redes do clube e da Selecção Nacional, Frederico Barrigana, que fracturou uma perna ao efectuar uma defesa aos pés de Bentes, no último jogo Coimbra-Porto, entre cidades.

Deverá o F. C. do Porto, por isso, utilizar o seu reserva Valongo. Como é de calcular, porém, surge o problema do suplente, pois uma viagem destas não poderá fazer-se com um só jogador para a baliza. A equipa, na sua composição restante, contará com os mesmos elementos que fixaram a época e têm dado a melhor conta de si, salvo nas ocasiões em que tal não era possível, por via de ausências forçadas ou outras intervenções estranhas.

Assim, devem fazer a viagem à África: Valong, Virgílio, Alfredo, Carvalho, Joaquim, Romão, Pinto Vieira, Sanfins, Lino, Araújo, Augusto, Gastão, Vieira, Diogenes e possivelmente Fandino. O argentino Pereira, que igualmente teve a pouca sorte de fracturar um pé, contra o Beira Mar, em Aveiro, embora se encontre muito melhor, também não deve acompanhar a equipa.

Os jogos a efectuar em África, segundo notícias chegadas ao F. C. do Porto, estão a despertar incalculável interesse entre os desportistas de Luanda e Lourenço Marques. Como é natural.

As exhibições do F. C. do Porto em Barcelona e Saragoça foram coroadas de êxito desportivo. Na Catalunha, contra o campeão de Espanha, conseguiram os campeões nortenhos agradar por completo a uma assistência calculada em 40.000 pessoas. Segundo testemunhos insuspeitos, a nossa representação não deixou mal colocado o futebol português e isso importa registar. O Porto, como já dissemos, perdeu por 3-1, mas teve muitas ocasiões para chegar ao empate, na segunda parte.

Em Saragoça, contra uma selecção de clubes, com base no Real Saragoça, e também perante numeroso público, ganhou o F. C. do Porto por 5-2. Neste jogo, o avançado centro portuense obteve 4 tentos e exhibiu-se em grande forma, mas o trabalho de Gaspar, Alfredo, Joaquim, Virgílio e Carvalho deu igualmente nas vistas.

Causou sensação o facto de no jogo de Coimbra se magoarem logo os dois guarda-redes da selecção do Porto: Barrigana e Moita; o primeiro com fractura numa perna e o segundo na cabeça.

Alguns jogadores do F. C. do Porto receberam convites para alinhar em clubes espanhóis, Madrid e Barcelona. Qualquer deles, porém, sem aceitar, embora os contratos sejam tentadores. Por agora, preferem fazer a viagem com o seu clube a Angola, Moçambique ou Transvaal.

O Real Madrid convidou igualmente o F. C. do Porto a exhibir-se na capital de Espanha, na sua saída de Barcelona para Saragoça, onde os portuenses conquistaram uma valiosa Taça. O F. C. do Porto, porém, não pôde aceitar, visto se haver comprometido a dar jogadores para o Coimbra-Porto. Bem pouca sorte teve com essa attitude...

Chegou ao Porto Attilio Lambertini, italiano, um homem que já correu em várias provas e «Voltas» internacionais. Classificou-se um lugar depois de Fernando Moreira, na «Volta de Marrocos», facto que dá seguras notícias da sua classe. A não haver qualquer complicação de maior, o trió Fernando Moreira, Moreira de Sá e Attilio Lambertini, na «Volta» que se aproxima poderá bem dar que falar.

A ser verdade o que se diz no Porto, também o Sporting estará presente na maior prova esportiva nacional, compondo o seu elenco com a inclusão de bons valores. Pois antes acontece assim. Os desportistas portuenses gostariam de assistir à luta íntima e entusiástica que os três grandes clubes, Benfica, Sporting e Porto podem proporcionar. E lamentam a falta de muitos mais.

O Vilanovense, derrotando o Sporting em andebol, contribuiu largamente para valorizar o campeonato nacional da modalidade. E provou que os grupos do Porto possuem ainda a categoria necessária para se meterem na prova com todas as aspirações. Em Suíça, os Reis muitas aspirações podem tomar — porque se vão dar ainda princípio à segunda volta...

ATLETISMO

Os juniores do BENFICA ganharam o seu campeonato

O torneio regional de juniores, disputado no sábado e no domingo com o novo programa de provas, foi de generalidade muito animado e deu lugar a excelente luta e resultados apreciáveis, dada a categoria dos atletas em campo, na sua grande maioria principiantes do ano.

Depois da primeira jornada o Sporting levava ligeira vantagem sobre o Benfica, que a anulou logo na primeira prova de domingo, para no seguimento se distanciar com brilho e concluir com 11 pontos a maior.

Esta a classificação: 1.º Benfica, 150 p. e 10 títulos; 2.º Sporting, 130 p. e 5 títulos; 3.º Colégio Militar, 79 p. e 3 campeonatos; 4.º Belenense, 10 p.; 5.º Atlético, 6 p.

A pontuação divide-se assim: **Corridas:** Benfica, 97 p.; Sporting, 94 p.; Belenense, 10 p.; Colégio Militar, 7 p. e Atlético, 6 p. **Saltos:** Benfica, 43 p.; Sporting, 25 p.; Colégio Militar, 17 p. **Lançamentos:** Colégio Militar, 35 p.; Sporting, 20 e Benfica, 13 p.

Os dois «grandes» classificaram representantes seus em pontuação em todas as provas do programa; 39 na totalidade, o Sporting, e 39 o Benfica.

Pelos números precedentes se verifica a enorme superioridade do Colégio Militar nos lançamentos, concursos onde precisamente foi o Benfica mais fraco.

A equipa dos «encarnados», menos desfalcada pela «seniorização» dos «mais de vinte anos», teve em Luis Falção o seu melhor elemento, um atleta que só por si vale o campeonato: três títulos e 23 pontos conquistados à sua parte. E' de uma classe à parte da generalidade dos competidores, pelo seu desenvolvimento atlético, poder físico e experiência técnica.

O objectivo da pontuação continua a provocar exageros consideráveis: um saltador à vara precipitou a sua eliminação para vir correr as barreiras; e um finalista dos 300 m. barreiras foi directamente da meta para as tentativas do salto em comprimento.

A organização do sábado deixou muito a desejar: lenta, atrasada, confusa.

Não é de tolerar, por exemplo, que os membros do júri desocupados venham conversar, em grupelhos, para dentro da pista, como succedeu durante a corrida de léguas. Também se recorreu à coloração de elementos com grande boa vontade mas sem o indispensável mínimo conhecimento das regras.

No domingo a organização melhorou muito e não deu motivo a reparos. Não; um reparo a fazer: foi classificado na primeira eliminatória dos 300 m. barreiras um concorrente que não saltou um obstáculo, rondando-o, o que é proibido.

O júri de partida, excelente de modo geral, deixou escapar na quarta série dos 200 m. um corredor que já dera uma falsa partida. Não deve tamer-se da autoridade que a lei lhe confere.

Da análise das provas conclui-se que há muito e bom material novo.

Os corredores de velocidade, classificados abaixo dos 11,0 s. e dos 24 s., têm, no atletismo português, cabimento na categoria superior.

Cameira foi aquele que nos deixou melhor impressão, embora batido na final por Barroso, outro elemento de valor.

Nos 200 metros esperavamos a vitória de Abreu, mas partiu lento e não conseguiu alcançar o seu camarada Guerreiro, que soube melhor conduzir a sua prova.

Aos quatro nomes citados como os melhores, há outro a adicionar: o de Paula Santos, excelentemente dotado para a velocidade prolongada.

Os resultados dos 400 m., como era de esperar, foram mais fracos; notáveis, no entanto, os 54,6 s. do principiante Figueira e, ainda, a prova de Tito Duarte, junior do ano passado, cujas aptidões não deram ainda o rendimento possível.

Heider Sobral, com 2 m. 52 s. aos 800 metros, que venceu com autoridade e agradável estilo, cotou-se como especialista de futuro, o mesmo se podendo dizer de Fernando Aguiar, embora a sua passada evidentemente económica impressione menos do que a do rival. A sua vitória nos 1.500 metros foi obtida com inteligência. E' um adversário de temer na arrancada final, que aplica de longe e com decisão.

O vencedor dos 5.000 metros, Casimiro Lúcio, tem estofo de campeão; 16 m. 13,8 s., feitos à vontade, são uma referência. Faltam-lhe, é claro, conhecimentos; a forma como correu os 1.500 metros são a demonstração evidente da sua inocência tática.

Os corredores de barreiras continuaram em evidência: Lourenço, Cameira e Cunha; Queiroz, João Luis e Guerreiro em segundo plano, para seu primeiro ano de provas conseguiram o que muitos, ao cabo de largas temporadas, ainda não alcançaram.

A grande figura entre os saltadores foi Luis Falção: 1,70 m. de altura, 6,765 em comprimento e 13,65 no triplo é mais do que bom e optimo.

Outros nomes a citar: Fernando Ponce, Noronha Feio, António Mora e Eduardo Pereira.

Referência especial a Prista Caetano, pelos seus constantes progressos: traspoz 3,79 com a vara, marca que o classifica entre os melhores portugueses actuais.

Nos lançadores dominaram os rapazes do Colégio mas, exceptuando os 32,71 com o disco, alcançados por Galça e Pina, os resultados são modestos.

Ótávio Oliveira venceu o dardo, com pior marea do que no Nacional dos principiantes. Precisa de aperfeiçoar a corrida e a posição do dardo em corrida.

Notamos também nos lançadores do dardo um defeito comum que lhes prejudica a acção: os passos cruzados devem ser apenas os três últimos e não seis ou sete, como fazem.



A chegada da corrida dos 200 metros em que Feliciano Guerreiro, do Sporting, foi o vencedor com o tempo recorde de 23,2 segundos



Uma passagem dos 110 metros-barreiras prova em que Mário Fonseca, do Benfica, foi o vencedor no tempo de 16,6 s., novo recorde



Luis Falção, do Benfica, saltou 1,70



O benfiquista Luis Falção estabelece o novo recorde no triplo-salto — 13,65

O PROSSEGUIMENTO das obras do Sporting

Do sr. eng. Mário Themudo Barata, elemento muito conhecido no Sporting Clube de Portugal onde tem desempenhado os mais altos cargos, recebemos o seguinte esclarecimento a que damos gostosamente guarida:

«Sr. Director — Sendo publicamente conhecida a minha ligação com os trabalhos respeitantes ao novo estádio do Lumiar e podendo desprender-se do artigo publicado nessa Revista, no n.º 341 de 15 do corrente, sob a epigrafe «O Sporting festeja o seu 45.º aniversário. Um punhado de botellas em primeira mão... conseguidas sem entrevistas», que o prosseguimento das obras está apenas pendente do acabamento do projecto e seu orçamento, venho esclarecer, a bem da verdade, que o caso está pendente não de mim mas sim da Ex.ª Direcção do Sporting de Portugal a quem expus a necessidade de resolver assuntos com elle intimamente relacionados.

Agradecendo o favor da publicação desta carta na conceituada Revista de muito digna Direcção de V. subscriso-me atentamente — Mário Themudo Barata (Engenheiro Civil).

A MODERNA
 OFICINA DE ENCADERNAÇÃO
 Rua Eduardo Cuchito, 22-C
 Telef. 30078 LISBOA

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

Magnífico instantâneo do combate entre Ezzard Charles, novo campeão Mundial de pesos e Joe Walcott o pretendente.

Charles, à esquerda, bloqueia um directo esquerdo do seu rival e tenta aplicar um jabo do mesmo punho que Walcott desviará com a luva.

NOTA DA SEMANA

DURANTE a noite de 22 do corrente, após cerimónia protocolar levada a efeito no Comiskey Park de Chicago, e presenciada por 23.000 devotos, foi eleito o novo monarca do jogo do boxe, Ezzard Charles, sucessor de outra figura prestigiosa e ainda venerada, Joe Louis, que abdicou por aborrecimento.

Tal como em tribus polinésicas, quando há dois ou mais pretendentes qualificados para ascender ao posto supremo da magistratura regional, Ezzard Charles teve pela frente — no figurado como de verdade — outro filho de Châm, a veterana figura de Jersey Joe Walcott, pai de seis espigados e espadaados rebentos.

Para averiguar acerca dos dotes pugilísticos de ambos os concorrentes, Joe Louis — que, depois de guardar as luvas imitou Cincinnati e tomou o arado de empregário — escolheu, com paternal intenção, o dia, a hora, o mês e o sítio da sua própria aclamação, ocorrida há doze anos!

Depois de uma hora de sopapo bravo, o conselho de arbitragem conferiu o diadema a Charles, em detrimento de Walcott, nemine dissonante.

Finalmente, podem dormir socegados os apaixonados da esgrima de punhos. Não tanto pelo facto da continuidade política do pugilismo se encontra assegurada, mas, principalmente, por ser outro preto quem provou supremacia racial num certame de brutalidade.

Os romanos deixavam aos escravos e aos bárbaros o encargo de os divertirem — enfrentando as feras, lutando entre si, etc. Parece que semelhante papel está a ser distribuído pelos norte-americanos ao preto, cuja superioridade física e — quando muito — escassa, mas tende a tornar-se importante com a proliferação acentuada da espécie.

A ser assim, tomamos o desinteresse e a penúria de pugilistas brancos como índice de decadência, e a permanência de negros no mais altos postos de cada desporto como ameaça de futuras e imprevisíveis complicações.

APESAR do calor da época impelir ao recolhimento, o futebol prossegue infatigavelmente, excurcionando aqui e ali sob os mais variados pretextos.

Em Madrid, a temperatura do entusiasmo popular ultrapassou em muito a do ambiente, quando os componentes do grupo nacional, vencedores da Irlanda e da França por copiosos resultados, chegaram à estação do Meio-Dia.

A força pública viu-se embaraçada para rasgar caminho entre o povo, permitindo o avanço dos ases até ao transporte que os levou à Câmara Municipal.

Segundo declarou o Presidente da Federação Espanhola, o futebol do país vizinho regressou ao prestígio anterior a 1936 — tese confirmada por Frank Osborne, dirigente do Fulham, da 1.ª Divisão inglesa, que afixa nunca ter visto futebol mais brilhante que o praticado agora pelos nossos irmãos peninsulares.

Gostámos de ler o trinados encomiásticos do «manager» britânico mas uma onda de ceticismo invadiu-nos pouco depois. Muito se tem modificado o temperamento inglês, nas suas relações diplomáticas com os povos do continente, até no ramo desportivo. Outrora miravam-nos por cima do ombro; hoje buscam pretexto de nos serem exageradamente agradáveis.

AINDA sobre o popular desporto da bola redonda: o Parlamento inglês aprovou uma disposição legal, que aumenta o imposto sobre as apostas de futebol de 20 para 30 por cento.

Este devaneio lucrativo — o das apostas, já se vê — não tem qualquer repercussão na vida interna dos clubes, mas nas empresas particulares que exploram a ganância e a lineta dos ciadados pelos jogos de azar, promovendo pingues benefícios.

Citamos o facto para esclarecer o leitor, não há tomar a nítida por Juno e pense que na soberba Albion, o ónus tributário subiu sobre as receitas do jogo.

Rafael Barradas



Boxe

O combate mais sensacional da última semana disputou-se no Comiskey Park, de Chicago, a contar para a sucessão de Joe Louis no trono mundial de todas as categorias.

Competiram entre si os negros Jersey Joe Walcott e Ezzard Charles, um veterano de idade misteriosa e um jovem assaz dotado de estilo e poder de soco. Apesar da vantagem de peso — quase seis quilos — a favor de Walcott o seu adversário conseguiu triunfar por pontos, ao fim de quinze assaltos. No sétimo e décimo, Charles castigou duramente o preto de Jersey, mas ambos perderam oportunidades de concluir antes do limite, anunciando os socos da direita.

A National Boxing Association reconheceu Charles como novo titular supremo do pugilismo.

Também nos Estados Unidos, dois campeões mundiais disputaram encontros: Em West Springfield (Mass.), o detentor dos «semi-leves» Willie Pep, combateu Johnny La Russo e ganhou-lhe por pontos, com grande vantagem; e Sugar Ray Robisson, negro, titular da categoria «semi-médios», derrotou Cecil Hudson, por inferioridade física ao 5.º assalto, em Providence. Tal como Cerdan, Hudson foi vítima da rotura de um músculo lombar.

Agostinho Guedes reapareceu. Oposto ao gigante Johnny Flynn saiu da contenda vencido por pontos mas a crítica não o mal tratou. Em S. Francisco da Califórnia, Al. Hossman, despachou Mc Clure ao 8.º assalto, por suspensão do combate.

Na Europa o «match» mais notável travou-se entre Cirilo Delannoy, ex-campeão da Europa de «médios» e o mulato Rand Tu pin, em Birmingham. Contra as previsões, Delannoy recebeu uma sova e o árbitro parou o cas-

Atletismo

Entrou-se francamente na quadra dos desportos atléticos e registaram-se já muito bons resultados técnicos.

Paris e Milão disputaram um encontro, no Estádio Jean-Bonin, ganhando os visitados por 96 a 85 pontos. A pista encontrava-se dura, carecendo de humidade, o que não favoreceu as provas. Resultados principais: o italiano Siddi triunfou nos 100 e 400 metros (10,9 seg. e 49,1); Pujazon venceu a légua em menos de 15 minutos; Consolini ganhou peso e disco (14,22 e 53,55); os restantes lançamentos foram apanágio milandeses. A receita do espectáculo foi de 443 282 francos.

♦ A Flandres enfrentou a Alsácia no mesmo dia, ganhando a esta última por 88 81 em Lievin. De notar o ecletismo do atleta alsaciano Heinrich, vencedor dos 110 metros (barreira), altura, comprimento, peso e disco, ficando em terceiro lugar o salto à vara.

♦ Na Suécia, o lançador Zerkel conseguiu arrojar o disco a 51,61, novo recorde balcânico da modalidade.

tigo a poucos segundos do término do encontro (8.º rd).

O irmão de Randolph, Dick, bateu-se em Craydon contra Albert Finch. Estava em litígio o campeonato do Império Britânico (médios) e, apesar do desacordo da crítica, Turpin emergiu vitorioso.

Finalmente, disputaram-se em Oslo os campeonatos europeus de pugilismo amador. A França conquistou um título e teve mais dois finalistas mas a Inglaterra, pátria do jogo do soco não registou uma só vitória individual.

Ao todo, compareceram 14 países mas a Espanha, Portugal e Rússia não tiveram representantes.

Celta de Vigo, 3-Sp. de Braga, 1



Comemorando a data do renascimento do Olimpismo levou a efeito várias solenidades o Comité Olímpico Português.

1—A romagem ao túmulo de Francisco Lázaro. 2—A Sessão Comemorativa na Casa da Moçidade no momento em que o sr. capitão Pereira de Castro se referia ao significado do olimpismo. 3—O valoroso esgrimista José de Figueiredo recebendo o seu prémio.



— Os dois grupos com o árbitro e juizas de linha. Nota-se a presença de Rogério Contreiras autista para Benfica a jogar este encontro. — Mário luta com um colega de Vigo

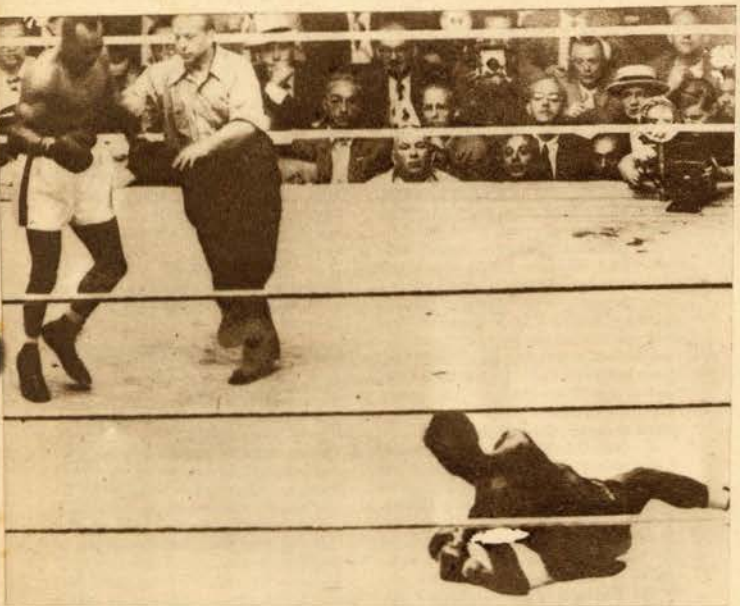
UM PARQUE DE CAMPISMO

Em Carcavelos, na quinta de S. Gonçalo, inaugurou-se o Parque de Campismo. O inspector dos desportos dr. Ayala Boto procedeu à inauguração.



O dia do Olimpismo

O sucessor de Joe Louis



O combate de boxe entre Jersey Joe Walcott e Escard Charles, para seleccionar o sucessor de Joe Louis, pendeu nitidamente a favor do segundo nomeado, depois do 7.º assalto. Neste período o veterano Walcott sofreu duro castigo mas foi Charles quem desceu à lona, escorregando no melhor momento da batalha, conforme a presente gravura nos elucidada



O Benfica encerrou a actividade das suas classes de ginástica, que se exibiram com geral agrado demonstrando a eficiência de um ano de ginástica no popular clube

ARCADIA O DANCING N.º 1
— DA CAPITAL —
Apresenta o mais categorizado programa de atrações de p
Aparelha de baile excêntrica **Los Wornoff**
A gran cantante de regional
CORALILLO DE GRANADA
ANITA LUCENA, Carmelita de Cordoba, Mary-Mely, Hermanas Baron, Hermanas Dindler, Emilia Gomez, Sara Seny e Mabel Valencia
MUSICA CONSTANTE PELAS DINAMICAS ORQUESTRAS
ARCADIA com a vocalista norte-americana **DAINA**
THE ROYAL JAZZ com a vocalista **JULIETA RODRIGUES**
condicionado Temperatura agradável